

A missão da Superiora e do Superior Maiores, à luz da experiência de Emaús

Reflexões para desiluidos(as) e frustrados(as)

Pe. Jaldemir Vitório SJ¹

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) encontra-se numa quadra delicada de sua história. O *aggiornamento* pedido pelo Concílio Vaticano II desencadeou processos importantes de superação das estruturas arcaicas, cristalizadas ao longo de séculos. Os resultados são perceptíveis! Ninguém, em sã consciência, dirá que a VRC, hoje, tem a mesma cara do período pré-conciliar. Embora resquícios de um passado insistam em permanecer e haja quem invista neles, já se mostraram sobejamente irrelevantes para os tempos atuais.

O processo desencadeado pelo Concílio foi atropelado por fenômenos socioculturais que os padres conciliares estavam longe de imaginar. Os(as) religiosos(as) foram golpeados(as) por eles, sem entendê-los bem e sem ter como se posicionar. Tomados de surpresa, num momento de desconstrução dos esquemas consolidados, não souberam que rumo tomar. A modernidade e a pós-modernidade, com seus valores e contravalores, entraram clausura a dentro e se impuseram. A consigna da juventude francesa, no famigerado "Maio de 68", fez escola entre os(as) religiosos(as), atropelando, até mesmo, os valores evangélicos. "É proibido proibir!" abalou a "sólida" estrutura de obediência da VRC, onde o(a) superior(a) falava e o(a) "súdito(a)" obedecia sem pestanejar. A família, a escola e a igreja, promotoras de valores cívicos e religiosos, viram-se, igualmente, abaladas. Em nossos dias, deparamo-nos com o triste quadro de pais e professores reféns de filhos e jovens insolentes! A juventude liberada de qualquer amarra decide os rumos de sua vida ao sabor dos sentimentos e das emoções, sem dar ouvidos a quem lhe quer "aconselhar", com base em valores e tradições. Em face a esta realidade, podemos perguntar pelo significado do voto de obediência para jovens e veteranos(as) na VRC.

Como os discípulos de Emaús, os(as) superiores(as) podem se sentir desiluidos(as) e tentados(as) "a deixar o barco correr", pois nada resta a fazer com o(a) religioso(a) que segue a própria cabeça, à revelia dos projetos da Congregação, das diretrizes da Igreja e das orientações recebidas dos(as) superiores(as).

Voltar à cena evangélica de Lc 24,13-35, na perspectiva do exercício da autoridade na VRC, pode ser útil em tempos de incertezas e de busca de rumos para um carisma eclesial, que é desafiado a compreender a própria identidade. Os(as) superiores(as) desiluidos(as) e frustrados(as) poderão ouvir do Mestre palavras de incentivo, capazes de recuperar-lhes a esperança e a motivação para levar adiante a função de liderar os(as) irmãos(ãs).

¹ Faculdade Jesuíta de Filosofia e de Teologia – FAJE
Belo Horizonte-MG
e-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br

1. “O que andais conversando pelo caminho?” (Lc 24,17)

Os discípulos, em processo de dispersão, frustrados com o trágico fim de Jesus de Nazaré, “que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo” (Lc 24,19), deparam-se com um desconhecido que se aproxima e se põe a caminhar com eles. A tristeza estava-lhes estampada no rosto. Uma pergunta do novo companheiro de caminhada – o Ressuscitado – desencadeou um diálogo proveitoso, de efeitos imprevisíveis. “O que andais conversando pelo caminho?” exigiu-lhes voltar à dura história, cujo desfecho contrariou-lhes as expectativas.

Imaginemos a mesma pergunta sendo lançada a um grupo de superiores(as), às voltas com os problemas do dia a dia de sua missão, em tempos pós-conciliares. Que haveriam de responder ao Mestre? Com grande probabilidade, seria um rosário de lamúrias, todas com fundamento e experimentadas de diferentes maneiras e intensidades. Enumeremos alguns dos possíveis tópicos da conversa do Mestre com os(as) superiores(as) desiludidos(as):

- a) Existe uma crise de liderança na Igreja e na Sociedade, com reflexos na VRC. Os(as) superiores(as), muitas vezes, são reduzidos(as) à sua expressão mínima de cuidadores(as) do patrimônio da Congregação, pois sua palavra tem pouco peso, junto aos(às) irmãos(ãs). Documentos, orientações e planos apostólicos são engavetados, quando não se tornam objeto de zombaria. É inútil insistir, pois cada um tem razões “sérias” ou “objeção de consciência” para desacatar as “ordens” dos(as) superiores(as). Não parece haver uma forma de dar credibilidade à figura do(a) superior(a), em tempos de individualismo e de desencanto com o carisma da VRC.
- b) O voto de obediência está longe de ser evangélica e espiritualmente compreendido. A submissão do pré-Concílio deu lugar à insubmissão do pós-Concílio, em contexto de anemia espiritual. Nem mesmo a vontade de Deus é buscada e levada a sério. A oração que o Senhor nos ensinou sofreu uma “pequena” adaptação: “Seja feita a nossa vontade!” A obediência, na VRC, supõe personalidades livres e sem amarras, dispostas a fazerem a vontade de Deus que passa pelo discernimento e pela missão daí resultante, nos quais os(as) superiores(as), numa perspectiva de fé, são mediações da ação divina. A falta desta base espiritual tem esvaziado o voto de obediência, transformando-o em mera formalidade canônica.
- c) Muitos(as) religiosos(as) têm precária consciência de sua vocação-missão. São incapazes de dar razão do por que permanecem na VRC. Muitos abandonam a VRC, decepcionados(as). Outros se vão embora, como se os anos passados na VRC tivessem sido irrelevantes, sem lhes deixar qualquer marca. Há quem aproveite o tempo vivido na Congregação para se profissionalizar e, com o diploma na mão, dar outro rumo à vida, em alguns casos, sem qualquer sentimento de gratidão pelo que recebeu da Congregação. Porém, há quem permaneça desmotivado(a) e sem perspectiva de futuro. Que pode o(a) superior(a) fazer com essa gente?
- d) Existem religiosos(as) intocáveis e imutáveis. Outros(as) se apoderam das obras e se consideram seus donos(as), sem qualquer disponibilidade em relação aos(às) superiores(as). Os(as) narcisos(as) servem-se da missão recebida para se promoverem à custa da visibilidade e do poder econômico que a missão lhes dá.

São religiosos(as) que vivem à margem do corpo apostólico congregacional, tendentes a serem críticos(as) dos(as) irmãos(ãs), sem nenhum senso de autocritica. Qualquer esforço de integrá-los(as) num trabalho em equipe será vão. O(a) superior(a) nada representa para eles(as), especialmente, quando lidam com muito dinheiro.

- e) A função do(a) superior(a), em muitos casos, resume-se à de um “bombeiro(a)”, correndo de cá para lá para apagar os incêndios comunitários. A insuficiente vivência do carisma leva muitos(as) religiosos(as) a caminharem na contramão do Evangelho, a ponto de eliminarem de seu vocabulário palavras como perdão e reconciliação. Os ensinamentos do Mestre – “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, como vos tenho amado. Nisto reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverem amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35) – e a Celebração Eucarística – “Ele está no meio de nós!” – “O amor de Cristo nos uniu!” – não encontram acolhida em seus corações. Por isto, os(as) superiores(as) acabam entregando os pontos, impotentes diante de conflitos intermináveis ou, em alguns casos, insolúveis.
- f) Os escândalos, em que religiosos(as) estão envolvidos(as), são causa de martírio para os(as) superiores(as). A boa fama e a credibilidade da Congregação e da VRC são postas em xeque. E quando a situação implica processos judiciais e indenizações pesadas? Ou, então, quando se tornam motivo de especulação nos meios de comunicação ou de comentários irônicos e maldosos nas redes sociais e na internet? Que fazer quando o(a) religioso(a) insiste na má conduta, sem dar mostras de arrependimento e desejo de se emendar? Os(as) superiores(as) são obrigados(as) a administrar imbróglios, causados pela irresponsabilidade e pela in consequência dos(as) irmãos(ãs), que lhes tiram noites de sono e lhes causam distúrbios físicos e emocionais, tremendamente, desgastantes.
- g) Multiplicam-se as relações conflituosas com as autoridades da Igreja, mormente, bispos e padres que, desconhecendo o carisma da VRC, não sabem valorizá-la ou pensam os(as) religiosos(as) a partir do modelo do clero diocesano. Religiosas engajadas na pastoral têm sido vítimas do despreparo e da inveja de um clero incompetente e autoritário, que as descarta, atropelando os anseios do Povo de Deus. Religiosos presbíteros são reduzidos, pela visão inadequada de muitos bispos, a simples padres diocesanos, como se não tivessem nada de especial para oferecer à evangelização. Os(as) superiores(as) veem-se obrigados(as) a administrar estas pendências e encontrar-lhes solução.
- h) Sobretudo, os(as) superiores(as) veem-se às voltas com o envelhecimento e a diminuição do corpo apostólico das Congregações, a falta de novas vocações e a deserção de muitos veteranos(as), sem que haja diminuição das obras e dos apelos que vêm de todas as partes. Some-se a isto o desgaste do corpo apostólico pela multiplicação das doenças psicossomáticas, pelo desânimo e pela acomodação, pelo desperdício de forças apostólicas em coisas secundárias e irrelevantes, pela fuga no mundo da virtualidade e das redes sociais e, em casos extremos, pela despreocupação com o carisma, a ponto de se bandearem para uma vida devassa, desconectada com o projeto de Jesus e a espiritualidade congregacional. Que fazer com “tantos abacaxis para descascar”?

Ao abrir o coração para o Mestre, cheio de apreensões e incertezas, cada superior(a) terá seus problemas bem particulares a partilhar. Que motivos tem para se alegrar? Quiçá

diga-lhe que está contando os dias para passar o cargo adiante, sentindo-se impotente em face ao peso da responsabilidade. E o Mestre o escuta com igual atenção dispensada aos discípulos desanimados, a caminho de Emaús!

2. “Nós esperávamos ...” (Lc 24,21)

A desilusão dos discípulos de Emaús deveu-se às expectativas brotadas em seus corações, ao acolherem o chamado do Mestre. Quanto maior a expectativa tanto mais profunda será a frustração! Entretanto, é possível viver sem cultivar esperanças? São elas o motor de uma vida sensata, com dinamismo e criatividade, pois se trata de lutar para alcançá-las, em patamares sempre mais elevados.

Os discípulos de Emaús esperavam que Jesus fosse o libertador de Israel (Lc 24,21), qual Davi redivivo, realizador dos anseios acalentados ao longo de séculos no coração do povo. Nada disso aconteceu! A crucifixão do Mestre, com sua terrível carga de maldição (Dt 21,22-23; Gl 3,13), foi um tiro certo no entusiasmo dos discípulos, quando entraram em Jerusalém. No diálogo com o desconhecido, esse tema apareceu. A afirmação – “Nós esperávamos...” – dá um novo rumo à conversa. É o momento de explicitar as expectativas e as esperanças. O sentimento de fracasso está em estreita relação com elas.

O exercício da função de superior(a) pode gerar frustração em quem acalentou esperanças, ao assumir sua missão. Seria sensato confiar a liderança da Província/Congregação a uma personalidade pessimista ou derrotista? Característicos do(a) superior(a) devem ser, exatamente, o otimismo e a esperança de cumprir, a contento, o papel de liderança. E com objetivos bem esboçados!

Muitas expectativas podem estar no coração de um(a) superior(a). Assim como poderão vê-las realizadas, também, a frustração será sempre uma possibilidade. O que deveria esperar um(a) religioso(a) ao receber da Congregação o encargo de superior(a) maior? Este poderia ser um cenário:

- a) Contar com a colaboração de todos(as) irmãos(ãs), dispostos(as) a abraçar o projeto missionário congregacional, sem criar dificuldades. E ser capaz de superar os focos de resistência à sua pessoa, frutos de preconceitos ou de experiências negativas de relação com membros da Província/Congregação. O temor de ser rejeitado, com o risco de gerar insegurança ou autoritarismo, é um péssimo horizonte na vida de quem assume a função de liderar na VRC. Urge-se superá-lo!
- b) Ser capaz de implementar os planos apostólicos da Província/Congregação, numa ação bem integrada de serviço à Igreja e à Sociedade, na fidelidade ao carisma congregacional. Seria insensato liderar a partir de impulsos pessoais, sem planejamento e sem objetivos bem determinados.
- c) Enfrentar e solucionar as questões financeiras das comunidades e das Províncias/Congregações, um tormento presente na vida da maioria dos(as) superiores(as). Quem não gostaria de ver as obras e as casas com a sustentação financeira garantida, sem viver de sobressaltos e de apertos?
- d) Solucionar certos problemas que passam de um(a) provincial/geral a outro(a) sem que um desfecho seja encontrado. São problemas ligados a pessoas, aos bens da Congregação/Província, às relações com a liderança da Igreja e muitos outros. Trata-se de questões desgastantes, das quais se quer ver livre.

- e) Ver a Congregação/Província crescer com a acolhida de novas vocações, capazes de abraçar o carisma congregacional e vivê-lo com autenticidade, como serviço aos empobrecidos e marginalizados, nos passos do Mestre Jesus.
- f) Contar com a assessoria competente dos(as) conselheiros(as) e de outros(as) colaboradores(as). Só os(as) superiores(as) ingênuos(as) ou autoritários(as) pensam poder levar adiante a missão com as próprias forças e capacidade de discernimento, a ponto de poder dispensar as múltiplas ajudas que lhes são oferecidas.

A lista de motivos que um(a) superior(a) tem para nutrir esperanças no coração pode se alargar, a partir da situação de cada um(a). O desafio de cultivar a esperança deverá permanecer até o último dia em que estiver no cargo, embora uma eventual frustração esteja sempre no horizonte. Sem ela, a missão de liderar se esvazia.

A presença do companheiro desconhecido na vida dos discípulos de Emaús teve, como efeito mais significativo, fazer a esperança renascer-lhes no coração. Como? Levando-os a ver a realidade com outros olhos e sob prismas diferentes.

3. “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!” (Lc 24,25)

Depois de ter dado aos discípulos a chance de abrir o coração e falar de suas esperanças e frustrações, chegou a hora de o Mestre-desconhecido falar. Como foram, atentamente, escutados, era preciso escutá-lo e dar-lhe ouvido. Será que os(as) superiores(as) desiludidos(as) e frustrados(as) se dão ao trabalho de escutar o Mestre? Ou transformam suas orações em infundáveis desabafos, sem permitir ao Mestre falar-lhes ao coração? Quiçá a oração do(a) superior(a) deva consistir mais em ouvir do que em falar. É assim a oração de todo bom discípulo do Reino!

O desconhecido ofereceu aos discípulos de Emaús, entristecidos e frustrados, pistas para compreenderem a realidade, a partir de novos ângulos. E o fez, reinterpretando as Escrituras, no tocante ao destino de sofrimento e de morte do Messias. Com a nova chave de leitura, a alegria e a esperança renasceram, ao torná-los capazes de se projetarem para além do trágico e do frustrante.

Que luz é oferecida aos(às) superiores(as) pelo Mestre Jesus que os(as) encontra abatidos(as) e frustrados(as) e lhes quer falar? Que lhes diria, nos caminhos de Emaús da vida, para ajudá-los(as) a realizar o serviço de liderança na VRC?

Eis alguns imperativos do Senhor Ressuscitado que deveriam ressoar nos ouvidos e nos corações dos(as) superiores(as) maiores, empenhados(as) em resgatar a esperança e o otimismo:

- a) Sejam homens e mulheres de fé e se deixem guiar pelo Evangelho, inspirando-se em minhas palavras e no meu testemunho de fidelidade ao Pai e de amor à humanidade sofredora. Convençam-se de serem servidores(as) dos(as) irmãos(ãs), para conduzi-los(as) nas sendas da obediência ao Pai e da vivência fiel da vocação.
- b) Deem testemunho de fidelidade ao seu carisma e à sua vocação, resistindo a toda sorte de tentação. Que os(as) irmãos(ãs) vejam em vocês um exemplo inspirador. Para isto, a solidariedade com os empobrecidos e marginalizados é um caminho incontornável. Sejam exemplos de despojamento e de compaixão para com os pobres.

- c) Esforcem-se para compreender a cultura atual, complexa e em acelerada mutação, com seus valores e contravalores. Encarem-na com realismo, conscientes de que a ação de Deus Pai-Mãe acontece aí, tocando o coração das pessoas e chamando-as à conversão. E, mais, convençam-se de que os membros de sua Província/Congregação são filhos(as) da modernidade e da pós-modernidade e que vocês, superiores(as), devem ajudá-los(as) a superar a tentação do materialismo, do consumismo, do individualismo e do hedonismo.
- d) Alarguem sempre mais os horizontes, em todas as direções, e ajudem os(as) irmãos(ãs) a fazerem o mesmo. Cuidem para não estreitá-los, pois seria a morte de sua Província/Congregação. Esta postura fará de vocês mais sensíveis para as missões *ad gentes*, para a presença nos novos areópagos, nas novas fronteiras e nas periferias. Jamais se acomodem!
- e) Sejam profundamente humanos(as) no trato com os(as) irmãos(ãs), de modo especial, com os(as) mais fragilizados(as), carentes de incentivo para seguir adiante. Lembrem-se que a desumanidade e o autoritarismo abrem feridas de difícil cicatrização. A bondade tem a força de desarmar os(as) irmãos(ãs) resistentes, por fazê-los(as) compreender que são queridos(as).
- f) Saibam ouvir/escutar e dialogar, dando atenção ao(à) outro(a), acolhendo o que têm a dizer, sem interrompê-lo(a) e sem ideias pré-concebidas. Vocês só poderão liderar, na medida em que conhecerem seus(uas) irmãos(as), com seus sentimentos e pontos de vista. Ajudem-nos(as) no processo de libertação das paixões desordenadas, que os(as) impedem de se abrir ao querer do Pai e colocá-lo em prática.
- g) Busquem, sempre, ser transparentes no trato com os(as) irmãos(ãs). Fugam da tentação de ter "preferidos(as)". Atenção a quem se aproxima de vocês com a intenção de influenciar-lhes as decisões e torná-los(as) seus(uas) reféns. Jamais tomem decisões sem ouvir seus(uas) conselheiros(as) e ponderar-lhes os argumentos.
- h) Promovam sempre a esperança e não deem espaço ao pessimismo e ao derrotismo. Saibam olhar para além do fracasso, onde se situa o tempo de recomeçar, confiados(as), inteiramente, em Deus Pai-Mãe. O saudosismo e o apego a esquemas anacrônicos são atitudes desaconselháveis.
- i) Tenham firmeza com os(as) escandalosos(as), os(as) infiéis ao carisma congregacional, os(as) causadores(as) de divisão, os(as) irresponsáveis e todos(as) quantos(as) perderam o rumo da caminhada e se enveredaram pelos caminhos tortuosos dos vícios e das atitudes incompatíveis com nossa opção de vida.
- j) Por fim, valorizem e acompanhem a pastoral vocacional e incentivem quem está encarregado dela. Trabalhem em sintonia com a equipe de formação da Província/Congregação, destinando-lhe pessoas competentes e valorizando seu trabalho junto aos(às) formandos(as). Convençam-se de que o futuro da Congregação/Província passa pelo ingresso de novas vocações, que devem ser, devidamente, selecionadas, formadas e integradas no corpo apostólico congregacional.

Palavras como estas deveriam abrir perspectivas novas para os(as) superiores(as) por lhes distanciarem dos problemas quotidianos e apontarem para atitudes sadias no trato com os(as) irmãos(ãs). Atitudes equivocadas terão efeitos perniciosos e criarão resistência. Atitudes corretas geram distensão e leveza, tão almejadas pelos(as) religiosos(as).

As palavras do Mestre devem ecoar no coração de cada superior(a) e oferecer-lhes uma nova chave de leitura da realidade. Como os discípulos de Emaús foram compreendendo o fracasso de forma diferente, com as luzes oferecidas pelo companheiro desconhecido – o Ressuscitado –, também, os(as) superiores(as), contaminados pelo pessimismo paralisante, estarão em condições de caminhar com mais segurança, sem o perigo de se deixarem abater, se derem ouvidos às orientações do Mestre.

4. “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho...?” (Lc 24,32)

Será possível recuperar no coração dos(as) superiores(as) uma alegria sadia e espiritual, no exercício da tarefa de ajudar os(as) irmãos(ãs) a crescerem na fé e a viverem o carisma da VRC com qualidade, à altura das exigências de nossos tempos? É ilusório pensar na possibilidade de recriar – refundar? – a VRC, a partir de novos paradigmas humanos, espirituais, missionários e comunitários, que permitam aos(às) superiores(as) exercerem, deveras, sua função de animadores(as) do corpo apostólico congregacional, ajudando os(as) irmãos(ãs) no processo de discernimento em vista de melhor cumprir a vontade de Deus? Pode-se pensar no futuro da VRC, onde a função dos conselhos Provinciais/Congregacionais será o discernimento da ação apostólica dos(as) irmãos(ãs), sem perder tempo com casos insolúveis de irmãos(ãs) complicados(as) e imprestáveis para a ação missionária da Congregação?

Como os discípulos de Emaús, o coração dos(as) superiores(as) deveria estar sempre ardendo de alegria e de esperança, motivando-os(as) a abraçar a missão com sadio otimismo. Este é um pré-requisito fundamental para o exercício da liderança. Um(a) superior(a) triste, frustrado(a) e desanimado(a) jamais será capaz de motivar os(as) irmãos(ãs). O otimismo, pelo contrário, pode contagiar o corpo apostólico congregacional, encorajando-o a abraçar a missão com entusiasmo e a enfrentar impávido as dificuldades e o risco de fracassar.

Um coração ardente fará outros corações arderem. A contemplação da cena de Emaús deve ter o efeito de ajudar os(as) superiores(as) a superarem os sentimentos negativos e paralisantes, que tornam estreitos os horizontes e os(as) impedem de perceber as possibilidades oferecidas pelo presente e pelo futuro. É a ressurreição dando frutos em suas vidas!

Este deveria ser o principal fruto dessa AGE da CRB-Nacional. Se tiver motivado os(as) superiores(as) a acreditar no valor e na atualidade do carisma da VRC e os tiver convencido de colocarem suas Províncias/Congregações no mesmo rumo, terá valido a pena. A caminhada feita nestes dias, com Jesus Ressuscitado e com os(as) irmãos(ãs), deverá ter como efeito dinamizar a VRC, pela ação dos(as) superiores(as), tornando-a, cada vez mais, missionária e misericordiosa, nos passos do Mestre de Nazaré.